

CULTURA

Por Marília Kodic

A NOVA PAULICEIA

Com a abertura de três novos centros culturais, a Avenida Paulista se firma como principal corredor cultural do país

Escultura de 3 metros de altura do artista japonês Chikuunsai IV Tanabe, feita com bambus entrelaçados, sem o uso de nenhum prego ou cola, em exposição na Japan House São Paulo



A partir do alto: objetos de bambu em exposição na Japan House, fachada na Avenida Paulista e o "matcha special cake", servido no café da instituição.



É lá que os paulistas vão para clamar pela derubada de presidentes, celebrar a diversidade, correr maratonas e saudar o novo ano, todo ano. É ali, também, o coração financeiro da cidade e a sede de 21 consulados, 54 salas de cinema, 19 torres de transmissão de rádio e TV, e uma infinidade de livrarias, cafés, restaurantes, teatros e museus – entre eles o MASP, construído como o maior vão livre do mundo e com um dos acervos mais importantes do país. Somando-se a isso a abertura das sedes da Japan House, do Instituto Moreira Salles (IMS) e do Sesc neste ano, a Avenida Paulista se consolida definitivamente como o mais expressivo corredor cultural do Brasil.

“Essa região é o verdadeiro centro de São Paulo, uma cidade policêntrica. Temos que prezar pelo potencial diagonal de encontro que ela proporciona”, diz Marcello Dantas, diretor de programação e curador da Japan House, que abriu em maio no número 52 da avenida. “A essência do Japão foi se diluindo com a miscigenação, e acho que os brasileiros e nipo-brasileiros estão ansiosos por uma oportunidade de se reconectar com o Japão de hoje. A Japan House oferecerá uma oportunidade de o Brasil do século 21 encontrar o Japão do século 21”, diz ele, que destaca, entre a programação extensa prevista para o primeiro ano, ações voltadas à arquitetura, ao design, ao cinema de animação e à alta gastronomia.

“Queremos apresentar todas as manifestações culturais de um Japão atual e verdadeiro para minimizar qualquer visão estereotipada”, completa Angela Hirata, presidente da instituição que é a primeira de três unidades que serão abertas também em Londres e Los Angeles. Com três andares, a filial brasileira tem espaços para exposições, palestras e eventos, além de biblioteca, loja e restaurante do chef Junji Sakamoto.

Para Flávio Pinheiro, superintendente executivo do IMS, que abre em julho na Paulista, no número 2424, a principal tarefa para quem se instala na avenida é entender seu público matizado. “A diversidade pressupõe mais liberdade de manifestações artísticas que incorpore o painel de dissonâncias da região”, diz ele, que também ressalta a importância da permeabilidade entre espaços públicos e privados, destacando o projeto arquitetônico da instituição: “O térreo, um espaço livre onde, ao fundo, funcionará um restaurante, é o que fala mais diretamente com a rua. Ali, queremos programas com rodas de choro e de samba”.

O IMS terá sete andares, todos com pé direito duplo, com espaço para exposições e aulas, um cineteatro, uma biblioteca, uma livraria e um café-restaurante. O prédio abrigará um acervo de 2 milhões de fotografias e mais de 20 mil discos de 78rpm, dos primórdios das gravações de música brasileira até os anos 50, com destaque para o acervo pessoal de Baden Powell, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth e Pixinguinha.

Até o fim do ano, a Paulista vê ainda a reabertura de sua sede do Sesc, no número 125, em reforma desde 2010. Serão 15 andares, com direito a restaurante na cobertura com uma

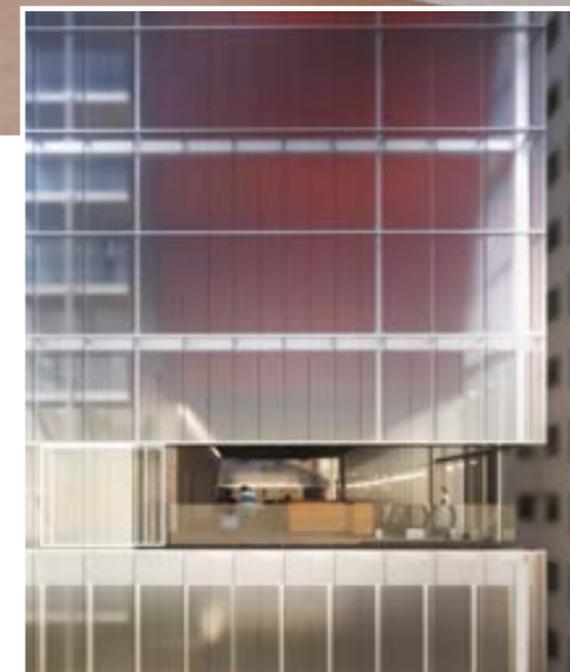


vista singular da cidade. Segundo Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc-SP, a unidade será implantada seguindo o caráter público e os valores éticos das demais já existentes. “Não se trata de uma unidade nova no sentido conceitual. Ela participa de uma rede que realiza um projeto que diz respeito ao desenvolvimento das pessoas, à convivência, ao respeito ao meio ambiente, à saúde, ao esporte, ao bem estar e à educação permanente”, diz ele.

Danilo também ressalta o caráter público da casa: “O Sesc Paulista não é exclusivo, voltado a uma categoria de pessoas que tem mais poder aquisitivo, por exemplo, mas aberto a todos, incluindo mais do que afastando e mobilizando a comunidade como um todo”. Tendo a política de ruas abertas como parte de seu DNA, o Sesc Paulista ainda tem uma proposta na prefeitura, junto com o vizinho Itaú Cultural, de transformar a rua entre ambos (a Leôncio de Carvalho, que cruza a Paulista) num boulevard permanente.

Com entrada gratuita, as três novas instituições não só fortalecem o aspecto cultural da rua mais movimentada de São Paulo (todo dia, passam ali 1,5 milhão de pessoas – o equivalente à população inteira de capitais como Porto Alegre e Recife), mas também dinamizam questões sociais ao aproximar públicos diversos por meio da arte acessível, inclusiva e, por fim, educativa. “Cabe aos centros culturais a tarefa de uma educação dos sentidos. Contribuir para que a fruição de uma obra seja mais completa e intensa é fundamental para encurtar o clamoroso déficit cultural que ainda existe no país. A arte pode suprir deficiências da educação despertando a curiosidade e a sensibilidade”, diz Flávio.

Para Ângela, a arte atrela pessoas que, mesmo de origens diversas, encontram nela uma forma de contato e compreensão. “Ela é um agente transformador para uma sociedade melhor, realizando conexões importantes entre todas as dimensões da vida de um indivíduo, e sendo, portanto, essencial para trazer sensibilidade à vida. A arte faz a vida fazer sentido. Ela inspira, renova e nos recarrega com mais amor e conteúdo”. E, como bem conclui Danilo: “A arte tem essa força extraordinária de elevar as pessoas além desse mundo puramente material, que é fundamental, mas não é o suficiente”.



Acima, projeções da filial do Instituto Moreira Salles, em São Paulo, que abre as portas em julho. Abaixo, representação do Sesc Paulista, com inauguração prevista até o final do ano.

